



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

VOZES FEMININAS NA TRADIÇÃO LITERÁRIA: O SUJEITO MULHER SE APROPRIA DA LINGUAGEM

FEMALE VOICES IN THE LITERARY TRADITION: THE WOMAN SUBJECT APPROPRIATES LANGUAGE

Carla Priori da Silva¹

Resumo:

Historicamente, as mulheres são relegadas a um *status quo* que as mantém subordinadas a um sistema patriarcal que cala a sua voz. Fato que influenciou, de alguma forma, o (não)aparecimento feminino, sobretudo no contexto literário. Com este trabalho teórico/crítico objetivamos dar espaço para a voz feminina através de um olhar para como a crítica feminista interpreta a literatura escrita por mulheres, com vistas a construir uma fundamentação segura a respeito da produção literária feminina e compreender, de modo mais consistente, as questões femininas contemporâneas. Para tanto, por meio da metodologia de pesquisa qualitativa, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com base em autoras como Elaine Showalter (1994), Lúcia Osana Zolin (2009), Norma Telles (2004), Vera Queiroz (1997), entre outras, que visam, na sociedade contemporânea, a inclusão das mulheres, indo de encontro ao silenciamento histórico a que estes sujeitos foram submetidos. Detectamos que, apesar de muito ainda precisar ser feito, as escritoras estão conseguindo estabelecer sua voz e, através de sua pluma, renovar o mundo literário, porque ajudam a desmitificar os convencionalismos sobre o papel da mulher dentro do universo editorial e possibilitam a desarticulação do cânone tradicional masculino.

Palavras-chave: Autoria feminina. Tradição literária. Crítica feminista. Mulher. Literatura.

Abstract:

Historically, women have been relegated to a *status quo* that keeps them subordinate to a patriarchal system that silences their voice. This fact has influenced, in some way, the (non)appearance of women, especially in the literary context. With this theoretical/critical work we aim to make room for the female voice through a look at how feminist criticism interprets literature written by women, with a view to building a secure foundation regarding female literary production and understanding, in a more consistent way, contemporary women's issues. For this purpose, through the qualitative research methodology, a bibliographic research was carried out, based on authors such as Elaine Showalter (1994), Lúcia Osana Zolin (2009), Norma Telles (2004), Vera Queiroz (1997), among others, that aim, in contemporary society, the inclusion of women, going against the historical silence to which these subjects were submitted. We found that, although much remains to be done, the writers are managing to establish their voice and, through their plume, renew the literary world, because they help to demystify the conventionalisms about the role of women within the editorial universe and enable the disarticulation of the traditional male canon.

Key words: Female authorship. Literary tradition. Feminist criticism. Woman. Literature.

¹ Mestra em Letras: "Estudos Literários" pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF (2018-2020). Especialista em ensino de Língua Portuguesa pela mesma instituição (2011-2012). Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e respectivas Literaturas (2006-2010) e em Língua Espanhola e respectivas Literaturas (2011-2014) também pela UFJF. E-mail: carlinhapriori@hotmail.com.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Introdução

Este estudo é fruto das pesquisas desenvolvidas para a dissertação de Mestrado *Mulheres que viajam sozinhas: Vozes femininas latino-americanas nos relatos de viagem Mas você vai sozinha? e Días de viaje* (SILVA, 2020), que teve por objetivo compreender como, na contemporaneidade, duas escritoras latino-americanas, a brasileira Gaía Passarelli e a argentina Aniko Villalba, a partir, respectivamente, das suas obras *Mas você vai sozinha?* (2016) e *Días de viaje* (2013), propõem uma expressão feminina do deslocamento capaz de subverter a tradição masculina e europeia dos relatos de viagem.

Com este texto pretendemos trazer à luz diversas perspectivas a respeito da voz feminina, principalmente no contexto literário. Consideramos que, ao desenvolver estudos sobre a mulher, faz-se indispensável tratarmos do tema da presença feminina na literatura, porque acreditamos que ela tem a capacidade de fazer com que as mulheres se tornem protagonistas de uma história que, por muitas vezes, fez questão de impor-lhes papéis de figurantes. Diante disso, este estudo se torna importante porque os textos de autoria feminina têm buscado promover uma reflexão acerca do papel social da mulher e de questões femininas, firmando uma vertente literária que, mesmo no século XXI, apresenta lacunas na esfera academicista.

Por esse motivo, quando buscamos os rastros deixados pela mulher na cena literária, constatamos que ela:

[...] encontrou aí um persistente empecilho para seu reconhecimento enquanto intelectual, uma vez que a ela foi negado durante muito tempo o direito à educação. As discussões datam do século XIX, alguns defendiam a educação como forma de libertação da mulher, outros acreditavam que era necessária uma educação voltada à formação moral, uma educação controlada, pois, para ser mãe e esposa virtuosa, a formação do caráter seria mais importante que os conhecimentos instrutivos. Assim, justificava-se uma formação voltada sobretudo às prendas domésticas, ao cuidado do lar e dos filhos, uma ‘educação da agulha’ que não ameaçasse a estrutura familiar e que não deixasse vago o papel social atribuído à figura feminina: o de mãe e esposa (DUARTE; PAIVA, 2009, p. 11-12).

Na contramão dessa prática que limitava as mulheres, muitas delas romperam o silêncio e utilizaram seus escritos para ultrapassar os limites que lhes eram impostos. Podemos afirmar que o sujeito Mulher se apropriou da linguagem e, nesse sentido, Alves (2001, p. 13) verifica que:

[...] a voz feminina procura deslocar a idealização da mulher, construída pela voz masculina, para as subjetividades de suas personagens, muitas vezes angustiadas, nada felizes com o ‘casamento’, único destino possível no horizonte de expectativas do mundo burguês para a mulher.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Por isso, “emergindo do silêncio, [...] a mulher rompeu os limites do espaço da procriação para penetrar no universo da criação [...]” (BARRADAS, 1996, p. 31), registrando um ponto de vista feminino em suas narrativas.

Optamos por representar nosso olhar para as vozes femininas na tradição literária dividido em duas partes: inicialmente, percorreremos as trilhas da história literária dentro dos movimentos feministas; posteriormente, jogaremos luz à crítica literária feminista. Esta nos permite direcionar o olhar para espaços até então ignorados, questiona as representações que vínhamos aceitando como verdade absoluta, além de expressar a inclusão da mulher, que não podia mais ser mantida na margem. Essa vertente da crítica literária faz uma releitura dos textos canônicos escritos por homens e propõe a discussão de uma nova literatura de autoria feminina, que surge buscando visibilidade ao construir uma história do lugar da mulher na literatura e na sociedade, através da ocupação dos espaços literários.

Um olhar para a literatura nos movimentos feministas

Neste primeiro momento de nosso trajeto, estamos preocupados em buscar uma definição do feminismo antes de mergulharmos efetivamente na contextualização do movimento. Muitas pessoas não compreendem o que é feminismo e o veem como uma busca das mulheres por serem iguais aos homens, querendo o que os homens têm. Para bell hooks (2018), tal visão é oriunda do que os indivíduos aprendem sobre feminismo na mídia de massa patriarcal. Portanto, o que é o feminismo? Nas palavras de Garcia (2015, p. 11):

[...] o feminismo pode ser definido como uma tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim.

É, dito de outra forma, o movimento de cunho social e político que visa acabar com a opressão, com o sexismo e com a exploração em razão do sexo.

As feministas buscam tanto construir a sua identidade quanto ocupar livremente seu lugar em um mundo que não as incluía. Porém, a premissa fundamental destas mulheres, segundo afirma Ruiz-Navarro (2010), seria que o movimento feminista fosse desnecessário se as suas lutas tivessem sido entendidas como óbvias e, desta forma, seus direitos já estivessem automaticamente reconhecidos. No entanto, acreditamos que o feminismo segue sendo uma necessidade, uma vez que ainda falta muito para um respeito real, em outras palavras, para que as mulheres sejam menos marginalizadas e mais socializadas. A esse respeito, Greer (1971) discorre que a concepção contemporânea da mulher tem como base os séculos de discursos construídos pela história, literatura, ciência, folclore..., porém, só não se baseia em fatos reais, o que é resultado da profunda censura socialmente construída para o gênero feminino.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

No Brasil, e também em outros países, quando olhamos para a história do feminismo vemos que ela é baseada em ondas², em outras palavras, em ciclos nos quais os protestos por um fim específico ganham força e se difundem socialmente. Porém, em consonância com o exposto por Perez e Ricoldi (2018), não podemos ignorar o fato de que os períodos e características gerais de cada uma delas podem ser diferentes entre um país e outro. Nesse sentido, entendemos que cada onda feminista traz suas prioridades, métodos e protagonistas próprias, apontando os obstáculos a serem reconhecidos e vivenciados/superados em determinado período e contexto histórico-social. Embora saibamos que o feminismo comporta diversas formas de manifestações associadas a um amplo contexto histórico, social e político, ressaltar a particularidade da experiência feminista numa perspectiva linear parece-nos uma das melhores formas de pensar esse movimento que está em constante transformação e construção, e que ampliou, definitivamente, o espaço de atuação pública das mulheres. Já que defendemos que o ingresso da mulher no universo letrado e seu reconhecimento como escritora foram tardios, em nossa exposição, daremos enfoque, principalmente, às questões que concernem ao âmbito literário.

Na primeira onda feminista, Zolin (2009a) discorre que muitas mulheres passaram a ter uma profissão: escritoras; e começaram a ter mais visibilidade. Olympe de Gouges é um nome que se destaca por ter redigido, em 1791, a *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã*. Em 1792, Mary Wollstonecraft também publicou algo semelhante: *As reivindicações dos direitos da mulher*, traduzido livremente para o português por Nísia Floresta³, que é o grande nome dessa onda no Brasil. Assim, “para De Gouges e Wollstonecraft, era necessário que, ao lado do homem, a mulher pudesse ser uma individualidade autônoma, reconhecida em sua dimensão racional e moral” (SANTOS, 2016, p. 34).

Uma forte influência na produção letrada francesa é a da escritora Anne Louise Germaine Necker. Sua produção, segundo Schaeffer (2018), emerge no contexto da movimentação política da Revolução Francesa. Publicada em 1793, a obra de Necker, que exemplifica como ela transcendeu os domínios literários da época, é *Refléxions sur le procès de la reine* (Reflexões sobre o processo da Rainha), em que defende a rainha Maria Antonieta, que fora acusada de crimes que não havia cometido. Em geral, seus escritos continham um discurso de defesa dos direitos das mulheres, dando os primeiros indícios das aspirações feministas.

Perseguindo o objetivo de dar visibilidade aos textos literários de autoria feminina, Zolin (2009a) nos leva a conhecer que, em 1929, a inglesa Virgínia Woolf publicou o ensaio *Um teto todo seu*. Nessa obra “ela aborda o modo como as circunstâncias atuam sobre o trabalho da mulher escritora e questões relativas à sua sujeição intelectual” (ZOLIN, 2009a, p. 222) e, por

² As ondas feministas são, pontua Santos (2016), as gerações dos projetos feministas, consideradas, muitas das vezes, controversas tanto em nível teórico quanto prático. Mas, por que falamos em ondas dos feminismos? Entendemos que considerar que houve ondas dos feminismos, pressupõe interpretar que a atividade feminista, assim como as ondas (com marés altas e baixas), teve intensidades variáveis ao longo do tempo.

³ “Nísia fez muito mais do que uma tradução, porque adequou o conteúdo da versão inglesa às características da sociedade brasileira e às especificidades dos seus papéis femininos, intitulando sua versão como Direito das mulheres e injustiça dos homens, publicada em 1832” (BAGGIO, 2006, p. 59) e, por isso, o livro pode ser considerado o fundador do feminismo brasileiro.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

esse motivo, veio a ser, posteriormente, considerada como uma importante precursora da crítica feminista.

Outro nome que se destaca é o da pensadora francesa Simone de Beauvoir, autora da clássica obra *O segundo sexo*, publicada originalmente em 1949, e que marca a reflexão inicial sobre a subalternidade feminina abrindo debates importantes.

A segunda onda feminista está contextualizada nos anos 1960, impactando também nas duas décadas seguintes. No que diz respeito à produção literária, nesta onda ocorre a busca pela definição de uma identidade própria. Para reivindicar a consciência feminina como uma alteridade autônoma, as mulheres recorrem às narrativas de suas histórias, o único campo onde é possível perceber traços do pensamento feminino. Desse modo,

[...] a prática de contar histórias – na forma da escrita autobiográfica – é um tema constitutivo do feminismo. No ato da escritura, cada mulher-escritora se descobre em suas características e também como outro de si, por meio de um processo de autoeducação (SANTOS, 2016, p. 34, grifo da autora).

Porém, como a profissão de escritor era, até então, eminentemente masculina, muitas escritoras daquela época recorriam a pseudônimos masculinos com o objetivo de escapar a possíveis retaliações a seus textos. Inclusive, nas últimas décadas daquele século, conforme pontuado por Telles (2004), as mulheres deram outra conotação para a adoção de pseudônimos: elas os usavam como palavra de poder, estariam marcando um batismo privado para o segundo eu que estava nascendo. Era o surgimento da escritora.

No que concerne à terceira onda feminista, iniciada na década de 1990, Santos (2016) explica que esta se pautou por questionar o conceito de gênero até os limites de suas possibilidades de desconstrução. Inclusive, podemos afirmar que outro clássico: *Problemas de gênero*, de Judith Butler, lançado na década de 1990, foi um dos grandes marcos teóricos dessa terceira onda, a qual também se ocupou de propor meios para corrigir as falhas e preencher as lacunas que pudessem ter sido deixadas pelas ondas anteriores.

Nos dias atuais, já é possível considerarmos que houve a popularização e a democratização do movimento feminista e o nascimento de uma quarta onda:

[...] destinada a rever pressupostos de um pós-feminismo, assim como as leituras sul-americanas dos feminismos, especialmente a da argentina María Luisa Femenías em sua luta contínua contra a violência e em prol da democratização das Américas. Também no Brasil a produção textual e as marchas feministas se destacam ao longo de nossa própria história (SANTOS, 2016, p. 35).

Essa quarta onda, inclusive, estaria multiplicando os campos feministas, aumentando sua visibilidade, e a internet vem adquirindo lugar de destaque nessa expansão. Piscitelli (2017) defende que a web permitiu a constituição de novas redes de comunicação que, além de aprofundar contatos e debates sobre pontos relevantes, serviram como instrumento de identificação e integração entre feministas e recurso de ação política e social com a atuação por meio de coletivos. Destacamos, ainda, que esses coletivos virtuais, através das ações que promovem no espaço digital, têm a possibilidade de transpor barreiras geográficas e gerar mais



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

visibilidade ao trabalho desenvolvido. Assim, “o feminismo, através dos perfis de mulheres inscritas nestes SRS [Sites de Redes Sociais], começou a utilizar destas ferramentas para fazer com que o movimento ganhasse reconhecimento global” (MALESSA; ESMITIZ, 2018, p. 7, inserção nossa). Dessa forma, a quarta onda proporciona, por meio virtual, o acesso global às diversas questões femininas, ampliando ainda mais o movimento.

Tudo isso nos leva a concluir que houve uma ruptura com a ideologia da domesticidade e uma feminilização das relações sociais (primeira, segunda, terceira e quarta ondas). E, a esse respeito, Rodrigues (2016) afirma que os feminismos⁴ vêm se consolidando como força política fundamental dentro do cenário da resistência. Ao menos um primeiro passo foi dado e outorgou à mulher muito mais autonomia, liberdade e independência quando em comparação com as relações de gênero com primazia masculina anteriores ao século XIX.

Assim sendo, quando assumimos a tarefa de estudar as conquistas femininas, podemos, enquanto pesquisadores, cair em armadilhas que façam transparecer uma realidade idealizada, porém não materializada. Somos facilmente induzidos a acreditar que, na atualidade, a mulher não é mais afetada pela visão hegemônica patriarcal construída histórica e culturalmente. Sem embargo, a igualdade entre homens e mulheres ainda tem um longo caminho a percorrer, haja vista que a mulher segue profundamente marginalizada nesse processo. Percebemos como é difícil desafiar os valores instituídos e arraigados no inconsciente coletivo e, diante disso, indagamo-nos: As mulheres enfrentarão o poder hegemônico e desconstruirão a polarização através de suas narrativas?

Ansiando responder nosso questionamento, a partir de agora daremos ênfase à crítica literária feminista.

Um olhar para a crítica literária feminista

De acordo com Picolotto (2017), os responsáveis por analisar, criticar e julgar as produções literárias desde seus primórdios até os dias atuais são os estudiosos da área de Letras. É a partir do trabalho desses estudiosos que se forma o cânone literário.

A autora ainda aponta que a crítica literária, de modo geral, inclui ou exclui as obras do cânone com base, entre outros critérios, na constatação da opinião, dos valores, do modo como aquele texto está sendo veiculado e visto pela sociedade que o lê. Inclusive, também podemos considerar que o cânone confere autoridade aos textos que o compõem porque, em muitas das vezes, os moldes dos precursores são usados como argumento de autoridade/poder. No que tange a essa temática, apoiamo-nos em Bloom (2002). O autor explica a relação do escritor com a tradição. Ao discorrer sobre a “ansiedade da influência”, afirma que cada poeta, forte ou fraco, se vale de uma maneira pessoal e inconfessável de assimilar seus antepassados poéticos. A ansiedade, portanto, seria originada no medo de não ser tão grande como os precursores, porém ocorre a exclusão das mulheres de uma história da tradição literária ou de um cânone.

⁴ Na atualidade, existem críticas feministas que consideram que o feminismo possui várias vertentes dentro de uma mesma (Feminismo Interseccional, Feminismo Negro, Feminismo Cristão, Feminismo Radical, Feminismo Liberal, Feminismo Libertário, Transfeminismo...), podendo sobrepor-se, à medida que cada uma incorpore a anterior e, por esta razão, adotam o termo “feminismos”, no plural.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Em vista disso, *A Angústia da influência*, de Bloom (2002) seria sofrida por escritores homens, consequentemente, tal influência é vista de modo diferente por homens e mulheres.

A esse respeito, Showalter (1994) acrescenta que é necessário testar as teorias vigentes sobre a influência literária nos termos da escrita de autoria feminina. Nesse movimento literário, o angustiante seria, portanto: como começar do zero se não existe uma tradição literária feminina na qual me pautar? Consideramos, nessa perspectiva, que é possível falar em ansiedade da influência também na literatura de autoria feminina. Contudo, as críticas feministas Gilbert e Gubar (2000) argumentam que no lugar da ansiedade da influência de Bloom (2002), escritoras mulheres sofrem de uma ansiedade da autoria, que consiste no medo de não ser capaz de criar e vir a tornar-se uma precursora.

Nesse sentido, tal temática dialoga com o exposto por Virginia Woolf no ensaio intitulado *Um teto todo seu* e publicado originalmente em 1929, no qual a autora reflete, entre outros temas, sobre o efeito da tradição e da falta dela sobre o pensamento do escritor e afirma que se a mulher pretende ser escritora, precisa ter, além da autonomia intelectual, a econômica, a social e a privacidade de “um teto todo dela” (WOOLF, 1990, p. 8), já que, ao escrever, estaria gerando uma tradição feminina, o que permitiria às próximas gerações de escritoras desenvolverem suas obras sem ter que buscar inspiração em uma herança literária masculina.

Em grande parte, isso ocorria porque, segundo Zolin (2009b), a história e a tradição da escrita, teoria e crítica literárias são excludentes em relação às mulheres. Durante séculos, apenas os homens eram considerados dignos da escrita e de julgar o valor literário de um texto.

Em consonância com o exposto por Martínez (2005), sabemos que atualmente está sendo adotada uma nova postura frente à realidade e que há um clima de revisionismo no qual está proliferando a literatura feminina, que teve como estímulo inicial o movimento feminista.

Nesse sentido, para Zolin (2009a), no que se refere à posição social da mulher e sua presença no universo da narrativa, foi o feminismo que evidenciou a conjuntura sócio-histórica que é determinante na produção literária de mulheres.

Baseados em Zolin (2009a), entendemos que o feminismo transformou a mulher em objeto de estudo e, para que as vozes femininas, efetivamente, fossem ouvidas e os textos de autoria feminina pudessem falar, foi necessário o desenvolvimento de uma nova vertente da crítica literária: a feminista. Segundo a autora, a crítica feminista é um dos efeitos provocados pelo movimento feminista e se configura como um dos diversos instrumentos de que dispomos atualmente para ler e interpretar o texto literário escrito por mulheres.

O resgate e a inclusão dessa produção de autoria feminina na história promovem uma ressignificação que desarticula o discurso hegemônico:

[...] porque, ao tratar dos temas considerados ‘miúdos’: os temas cotidianos, ‘pequenos’, aparentemente, subjetivos/opiniáticos (que não tinham sido inseridos no critério da universalidade e atemporalidade); evidencia-se que as mulheres resistem às idealizações construídas pelo código burguês. A produção de autoria feminina não faz parte de uma história descontínua, mas de uma situação bem específica da sociedade burguesa, que remeteu a voz feminina para a margem (o limbo), desqualificando-a como não sendo representante dos padrões desejados – estético ou temático (ALVES, 2001, p. 12).



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Graham (2006) pondera que a tentativa de examinar tradições anteriormente negligenciadas, como as escritas por mulheres, tem sido uma marca central da crítica feminista. No que concerne a seu surgimento, Zolin (2009a) arrazoa que a publicação da tese de doutorado de Kate Millet (quem assumiu o papel de questionar a prática acadêmica patriarcal), em 1970 nos Estados Unidos, foi o marco inicial dessa vertente da crítica literária. Isso porque “a constatação de que a experiência da mulher como leitora e escritora é diferente da masculina implicou significativas mudanças no campo intelectual, marcadas pela quebra de paradigmas e pela descoberta de novos horizontes de expectativas” (ZOLIN, 2009a, p. 217).

Nas palavras de Picolotto (2017, p. 33), com o surgimento dessa crítica, emergiu “um anseio entre estudiosos para identificar qual é o papel da mulher na sociedade e principalmente como essa mulher vem sendo representada nas obras literárias, por exemplo”. Ao explorarmos esta representação da mulher nas obras literárias canônicas, encontramos em Zolin (2009a, p. 226) a explanação de que é recorrente a repetição dos estereótipos culturais, “[...] como, por exemplo, o da mulher sedutora, perigosa e imoral, o da mulher como megera, o da mulher indefesa e incapaz e, entre outros, o da mulher como anjo capaz de se sacrificar pelos que a cercam”. Porém, a autora complementa que a representação da mulher como incapaz e impotente tem conotação positiva, ao passo que a independência feminina conjecturada na megera e na adúltera remete a algo rechaçável e que provoca antipatia.

Nesse sentido, para a professora brasileira Vera Queiroz (1997), a crítica literária feminista visa desestruturar a concepção tradicional da mulher dentro da literatura até então produzida e atua visando possibilitar a expansão da representação das perspectivas sociais que o cânone masculino não evidenciou. A escrita de autoria feminina é uma iniciativa que desvenda uma intensa transformação na história das mulheres. Graças a essa transformação a crítica feminista desenvolveu uma proposta de “contra-cânone” da literatura, termo cunhado por Queiroz (1997). Segundo a autora:

Trata-se, para ela, de dialogar com os valores que se encontram subjacentes e que fundamentam tais tradições, com o propósito de observar sua marca de gênero e, aos poucos, construir um contra-cânone, que é contra não por simplesmente opor-se a, mas porque propõe aos textos outras perguntas, porque se situa em outro horizonte de expectativas na interação com as obras e porque começa, nesse gesto, a oferecer novas leituras a uma tradição até então submersa (QUEIROZ, 1997, p. 52-53).

Sendo assim, constatamos que o cânone literário passou a ser questionado pela crítica feminista para que uma alteridade, a feminina, fosse inserida e ele pudesse, a partir daí, ser reconstruído. Para complementar, conseguimos colocar o exposto por Queiroz (1997) em diálogo com as pontuações de Martínez (2005, p. 2, tradução nossa⁵):

⁵ La revisión del canon que efectúa la literatura femenina latinoamericana coincide con las enmiendas que hacen las literaturas femeninas de otras lenguas integrando temas antes "prohibidos," como la sexualidad de la mujer, la denuncia de la opresión patriarcal, la búsqueda de la identidad, lo que supone el proceso de escribir para una mujer en la sociedad actual. Se distingue de las otras literaturas por incorporar la problemática tercermundista del



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

A revisão do cânone, que a literatura feminina latino-americana efetua, coincide com as revisões que fazem as literaturas femininas de outras línguas integrando temas antes ‘proibidos’, como a sexualidade da mulher, a denúncia da opressão patriarcal, a busca da identidade, o que supõe o processo de escrever para uma mulher na sociedade atual. Distingue-se das outras literaturas por incorporar a problemática colonial do terceiro mundo, do silêncio ocasionado pela tortura política, e da violação ecológica. No que diz respeito à expressão, a temática, assim corrigida e aumentada, altera o discurso hegemônico enriquecendo-o com novos e inéditos códigos.

Queiroz (1997) aponta que, no que diz respeito à tradição literária da mulher-escritora, os gêneros utilizados, devido a condições histórico-sociais, foram os diários da casa, as autobiografias, as cartas e a ficção sentimental. Dessa maneira, já que a expressão feminina altera o discurso hegemônico, Lobo ([s/d]) considera que o cânone da literatura de autoria feminina sofrerá mudanças se, ao invés de retratar vivências resultantes de reclusão e/ou repressão, a mulher retratar temas relacionados a uma vida escolhida por ela; “[...] voltando-se para outros assuntos habitualmente não associados à mulher até hoje” (LOBO, [s/d], p. 2). Portanto, a literatura de autoria feminina cria um campo dentro do universo da literatura mundial, no qual a mulher expressa, enquanto sujeito político, a sua sensibilidade através do olhar da diferença.

Inclusive, a literatura foi uma das formas encontradas pelas mulheres para ampliar sua participação na vida pública, e percebemos que existe uma tendência no uso do espaço do discurso para desconstruir arquétipos que fazem parte de um padrão reconhecido canonicamente. Lobo ([s/d]) afirma que “o texto literário feminista é o que apresenta um ponto de vista da narrativa, experiência de vida, e, portanto um sujeito de enunciação consciente de seu papel social” (LOBO, [s/d], p. 3).

Neste sentido, uma mulher que se demonstrou consciente de seu papel social, realizando aquele que, para os estudiosos da área, foi considerado o primeiro gesto feminista das Américas, foi a mexicana Sor Juana Inés de la Cruz. Nas palavras de Alves (2003, p. 16), ela “foi a primeira mulher, de cujo legado documental temos notícia, a denunciar conscientemente o sistema repressivo que regia as relações entre homens e mulheres na América Latina do século XVII.” Em seus escritos, questionava a condição feminina no contexto da sociedade patriarcal e inquisitorial em vigor durante os primeiros séculos da colonização das terras americanas. Caso se submetesse ao casamento e à maternidade que, como sabemos, era o destino legítimo da mulher daquele tempo, estaria impossibilitada de se dedicar aos estudos, por esse motivo, ingressou no convento e “procurou na reclusão do claustro a liberdade de que precisava para poder ler e escrever” (ALVES, 2003, p. 21).

colonialismo, del silencio ocasionado por la tortura política, y de la violación ecológica. En cuanto a la expresión, la temática, así corregida y aumentada, solivianta el discurso hegemónico enriqueciéndolo con nuevos e inéditos códigos.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Ainda de acordo com a autora, Sor Juana Inés de la Cruz foi a primeira mulher a ser projetada como um dos valores da literatura de língua espanhola na América. Além de uma leitora inteligente, era uma hábil escritora, assim sendo:

Suas atividades de leitora e de escritora, consideradas ousadas, tanto do ponto de vista da mulher como da religiosa, não tardaram, entretanto, a aguçar a atenção de seus superiores sobre sua pessoa, muitas vezes impedindo-a de ler e acusando-a, finalmente, de infidelidade religiosa. Consciente dos limites impostos à mulher pela sociedade e pela religião, seu discurso traduz a tentativa de conciliar a fé católica com sua propensão epistemológica, mas também, e sobretudo, com seus anseios de liberdade (ALVES, 2003, p. 21).

Portanto, sabemos que há tempos existe uma produção feminina, mas os leitores, sejam eles homens ou mulheres, até mesmo por razões históricas, privilegiaram as obras escritas por homens, em outras palavras, há uma valorização social dos escritores em detrimento das escritoras.

Como apontado por Zolin (2009b), no contexto de surgimento e consolidação da crítica feminista, tem início também seus dois importantes pilares: o movimento de resgate e de reinterpretação da produção literária de autoria feminina, até então relegada a uma posição inferior dentro da tradição literária patriarcal, porque durante muito tempo as produções escritas por mulheres foram ignoradas pela crítica e pela história.

Assim sendo, a autora aprofunda a explicação desses dois pilares da crítica feminista. O primeiro seria o resgate, que tem como objetivo a redescoberta de obras que foram escritas por mulheres no passado, mas não figuravam no cânone tradicional e, portanto, efetivamente não existiam. E o segundo, o revisionismo crítico, que atua no sentido de promover uma releitura tanto dessas obras quanto das já consolidadas no cânone tradicional, visando avaliar, sob outra mirada, seu valor estético e sua importância na tradição literária. Apreendemos, assim, que é necessário resgatar as imagens femininas herdadas da tradição masculina para, a partir delas, propor sua desconstrução e reconstrução, fazendo emergir uma nova identidade para a mulher.

É incontestável que, até bem pouco tempo atrás, era flagrante como a voz concedida à mulher era a condição de vítima, muitas vezes em contexto de denúncia. Acreditamos, contudo, que o mundo atual é um divisor de águas no que concerne ao universo feminino. Segundo Zolin (2009a, p. 222) a produção literária de autoria feminina passa a apontar que:

[...] personagens femininas tradicionalmente construídas como submissas, dependentes, econômica e psicologicamente do homem, reduplicando o estereótipo patriarcal, passam, paulatinamente, a ser engendradas como sendo conscientes de sua condição de inferioridade e como capazes de empreender mudanças em relação a esse estado de objetificação. Ou, de outro lado, passam a ser inseridas em contextos que, de alguma forma, trazem à baila discussões acerca dessa problemática.

Nesse sentido, essa literatura faz uso de várias facetas para realizar a representação da realidade e tem construído junto a uma nova identidade feminina, novas formas de



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

revelar/desnudar a mulher. Zolin (2009b) detecta que a crítica literária tem avançado na mobilização de mapear a literatura de autoria feminina objetivando descrevê-la, conhecer suas marcas e peculiaridades de cada época específica.

Visando ilustrar esse mapeamento que se debruça sobre as obras, a autora nos apresenta o trabalho de Elaine Showalter (1985). Esta argumenta que as mulheres escritoras construíram sua própria tradição literária, embora ainda em desenvolvimento, como uma espécie de subcultura da sociedade patriarcal. Seu objetivo, portanto, é investigar de quais maneiras a mulher manifestou e desenvolveu sua autoconsciência na literatura que produziu. Para tanto, estabelece três diferentes estágios que ilustram os processos evolutivos da relação entre as mulheres escritoras e a sociedade e constituem as três fases dessa subcultura. A primeira fase, denominada “Feminina”, cujo estilo não se diferenciava muito do de escritores de renome, caracteriza um momento de imitação dos modelos, seguindo os padrões masculinos vigentes. A segunda fase recebeu o nome de “Feminista” por ser considerada como um momento de protesto e ruptura com os modelos disponíveis e de defesa dos direitos das minorias. A terceira, e última, chamada de “Fêmea”, representaria um momento de busca da identidade e da autodescoberta feminina. Vale ressaltar que Zolin (2009b) nos lembra que uma mesma obra pode apresentar características de mais de uma fase, por isso, sugere que a compreensão das três fases leve mais em conta as características das mesmas do que a cronologia.

Assim, consideramos que, gradualmente, as mulheres constroem discursos que se sobrepõem aos androcêntricos e, cada vez mais, criam uma literatura própria, escrita por elas, com uma crítica literária própria: a feminista.

Considerações finais

Nosso trajeto, objetivando percorrer os caminhos das vozes femininas na tradição literária, está chegando ao final. Depreendemos que os casos apresentados são uma amostra significativa, representativa e importante porque nos permitem conjecturar de modo mais amplo sobre as mudanças (ou ausência delas) através dos tempos.

A mulher cruzou fronteiras e passou a ocupar um novo lugar na sociedade, principalmente em decorrência do feminismo, o que se refletiu no seu *status quo*. Constatamos que, revertendo uma prática de séculos, sua voz passou a ecoar em diversos domínios, inclusive no campo da literatura. Tendo em vista a mudança de mentalidade em relação à condição da mulher (descortinada pelo feminismo), cada vez mais, escritoras estão se lançando no mundo da literatura, até então, legitimamente masculino. Elas produzem narrativas que, geralmente, trazem à luz personagens femininas conscientes do papel social que a ideologia patriarcal relegou à mulher, relativizando a ideia de que a literatura de autoria feminina trata exclusivamente sobre temas como a memória, a autobiografia, a vida doméstica, com ênfase na opressão da mulher e nas relações de gênero.

O espaço da escrita feminina rompe os limites do universo patriarcal e constitui uma viagem na qual se percorrem vários espaços rumo ao autoconhecimento. Desde que as mulheres passaram a enunciar suas experiências no campo literário, o debate em torno da autoria feminina tem ganhado forma como parte de uma resistência ao cânone da literatura masculina dominante. Assim, mulheres começaram a praticar a crítica literária, até então de domínio quase



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

exclusivamente masculino e a ser objeto de uma nova vertente dessa crítica: a crítica feminista; elas também passaram a escrever mais, agora profissionalmente, sem medo da rejeição às suas obras.

Buscamos, neste artigo, demonstrar a importância da literatura de autoria feminina para a desconstrução de toda uma tradição cultural estereotipada, porque a partir das obras escritas por mulheres são ouvidas vozes que até então eram esquecidas ou silenciadas, mas que nunca estiveram ausentes na história. Diante disso, através dos textos de autoria feminina é possível esvaziar o peso dos rótulos invocados para as mulheres e permitir que elas exerçam os seus papéis sociais livres de preconceitos.

Referências

- ALVES, Ivira Iracema. Prefácio. Suaves, mas resistentes. In: CUNHA, Helena Parente (org.). **Desafiando o cânone (2):** ecos de vozes femininas na literatura brasileira do século XIX. Faculdade de Letras da UFRJ: Rio de Janeiro, 2001. p. 11-19.
- ALVES, Maria Marcelita Pereira. a primeira feminista das américas: as marcas da ousadia e da repressão nas cartas de Sor Filotea de la Cruz e de Sor Juana Inés de la Cruz. In: GUILARDI-LUCENA, Maria Inês (org.). **Representações do feminino.** Campinas: Átomo, 2003, p. 15-37.
- BARRADAS, Olivia Gomes. O feminino na literatura. **Carmina:** revista semestral de cultura. Linguagem no feminino. Rio de Janeiro: ano 8, 1996/1997, p. 31-37.
- BLOOM, Harold. **A angústia da influência:** uma teoria da poesia. Tradução Marcos Santarrita, 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- DUARTE, Constância Lima; PAIVA, Kelen Benfenatti. A mulher de letras: nos rastros de uma história. **Ipotesi:** Autoria feminina: questões contemporâneas, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p.11-19, jul./dez. 2009.
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo.** São Paulo: Claridade, 2015.
- GILBERT, Sandra; GUBAR Susan. **The mad woman in the attic:** the woman writer and the nineteenth-century writer. New Haven: Yale University, 2000.
- GREER, Germaine. **A mulher eunuco.** Tradução Eglê Malheiros. São Cristóvão: Artenova, 1971.
- HOOKS, bell. **o feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras. Tradução Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- LOBO, Luiza. **A literatura de autoria feminina na América Latina.** Disponível em:



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

<<http://lfilipe.tripod.com/LLobo.html#fnB7>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

MALESSA, Francine da Silveira; ESMITIZ, Francielle. Novas identidades e performances feministas nos Sites de Redes Sociais através do coletivo midiático Think Olga. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 19., 2018, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2018. p. 1-15.

MARTÍNEZ, Adelaida. **Feminismo y literatura en Latinoamérica**. 2005. Disponível em: <www.sololiteratura.com/fer/ferfeminismoylit.htm>. Acesso em: 10 jul 2019.

PASSARELLI, Gaía. **Mas você vai sozinha?**: Histórias de uma mulher viajando o mundo. São Paulo: Globo Livros, 2016.

PEREZ, Olívia; RICOLDI, Arlene. A quarta onda do feminismo? Reflexões sobre movimentos feministas contemporâneos. In: Encontro Anual da ANPOCS. 42., 2018, Caxambu. **Anais [...]** Caxambu: 2018.

PICOLOTTO, Emanoeli Ballin. **PRÊMIO JABUTI E OS ROMANCES PREMIADOS NO SÉCULO XXI: DIÁLOGOS E INTERSECÇÕES**. 2017. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Letras, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2017. Disponível em: <<http://www.fw.uri.br/NewArquivos/pos/dissertacao/dis-158.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2019.

PISCITELLI, Adriana. “#queroviajarsozinhasemmedo”: novos registros das articulações entre gênero, sexualidade e violência no Brasil. **Cadernos Pagu**, v. 50, p. 1-37, 2017.

QUEIROZ, Vera. **Crítica literária e estratégias de gênero**. Niterói: EDUFF, 1997.

RODRIGUES, Carla et al. A quarta onda do feminismo: dossiê. In: **Cult**, São Paulo, ano 19, n. 219, p. 30-47, dez. 2016.

RUIZ-NAVARRO, Catalina. **Hacia un feminismo innecesario**. 2010. Disponível em: <<https://www.elspectador.com/opinion/hacia-un-feminismo-innecesario-columna-192515>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

SANTOS, Magda Guadalupe dos. Os feminismos e suas ondas. In: RODRIGUES, Carla et al. A quarta onda do feminismo: dossiê. **Cult**, São Paulo, ano 19, n. 219, p. 32-35, dez. 2016.

SCHAEFFER, Louise Salles. Madame de Staël: um panorama sobre os estudos biográficos, literários e teóricos acerca da herança deixada pela personagem no plano França-Brasil. In: NETO, Geraldo Homero do Couto; ESTEVES, Janaína Di Lourenço; SILVA, Lucas dos Santos; LOPES, Vanessa Ferreira (org.). Semana de História da Universidade Federal de Juiz de Fora, 34, 2018. **Anais [...]**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018. p.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

972-995.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 23-57.

SILVA, Carla Priori da. **Mulheres que viajam sozinhas: vozes femininas latino-americanas nos relatos de viagem *Mas você vai sozinha?* e *Días de viaje***. 2020. 151f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Letras: Estudos Literários, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/11559>> Acesso em: 07 out. 2020.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary. (org.); BASSANEZI, Carla. (coord.). **História das Mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 401-442.

VILLALBA, Aniko. **Días de viaje: Relatos en primera persona**. Buenos Aires: Edição do autor, 2013.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduen, 2009a. p. 217-242.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduen, 2009b. p. 327-336.